

## Gaza: a lógica da guerra colonial Sobre os últimos bombardeios israelenses em Gaza<sup>1</sup>

por Denis Collin em 3 de janeiro 2009

O que acrescentar ao que tem sido dito ultimamente, mais ou menos em todas as partes do mundo? As operações militares israelenses contra Gaza são crimes e é tudo. Segundo os métodos de seus mestres americanos, os israelenses praticam o bombardeio de cidades e consideram os assassinatos de crianças, velhos, mulheres e homens desarmados como um lamentável “dano colateral”.

Um outro dano colateral: os dirigentes israelenses fazem mais a cada dia, e infinitamente, alimentando o anti-semitismo que os débeis espetáculos de *dieudonne*. Se os descendentes das vítimas do empreendimento nazista se transformam, por sua vez, em chacinadores, para que serve a memória do crime contra a humanidade? Sei que não é possível pedir aos governantes do Estado Hebreu de serem santos e fechar os olhos sobre as exações que perpetram a maior parte dos outros governos. De qualquer modo, os israelenses se conduzem em Gaza como os russos na Tchetchênia, como os chineses no Tibet, como os ruandenses no Kivu, como os Estados Unidos no Iraque ou no Afeganistão, e

---

<sup>1</sup> Tradução de Jorge Nóvoa.

assim sucessivamente. Mas, não é possível não se espantar com a diferença de tratamento: nossos intelectuais sempre prontos a bajular o papa dos budistas ou a voar em socorro dos integristas islâmicos tchetchenos, se calam, no melhor dos casos ou mais correntemente acusam de anti-semitismo aqueles que denunciam os crimes de Israel.

Se se quer compreender alguma coisa, é preciso buscar as causas. Formalmente, a causa imediata da operação em curso foi a retomada dos tiros de obuses lançado pelo Hamas sobre as cidades israelenses circunvizinhas. Há muito financiado pela Arábia Saudita, impulsionado pela diplomacia e pelos serviços secretos israelenses para lutar contra o Fatah e a OLP Laica, o Hamas (sunita) escapou àqueles que pensavam lhe manipular e se aliou ao Hezbollah (chiita) e conserva um controle cerrado sobre a Faixa de Gaza, a despeito da fraca resistência do Fatah.

Mas, por sua vez a evolução do Hamas e seus sucessos nos territórios ocupados decorrem daquilo que se convencionou chamar “fracasso do processo de paz”. Na verdade, não existe nenhum fracasso do processo de paz. Este “processo” disparado sob a autoridade americana tem em vista deslocar a resistência palestina (antes unida sob a OLP) e não em conseguir a paz: “autoridade palestina” de Ramallah tornada um representante fantoche das potências ocidentais foi minada pela corrupção. Ao mesmo tempo, a colonização israelense não tem nenhum descanso. O suposto processo de paz se assemelha à estratégia dos colonos brancos face aos índios na América do Norte: os tratados com as nações

indígenas só serviam para estabelecer divisões entre elas, ganhar tempo antes da próxima violação dos tratados para finalmente reduzir os sobreviventes dos povos indígenas nas reservas tão inóspitas quanto possível. O objetivo do "processo de paz" não é outro, se não a colonização completa de toda a Palestina e o cercamento dos palestinos em territórios semelhantes àqueles da África do Sul racista do tempo do apartheid,<sup>2</sup> tendo esse território "leopardo" submetido a auto-administração de uma autoridade palestina fantoche, encarregada sobretudo de servir de guardas de ilhotas das quais a economia israelense poderia ter necessidade.

Esta situação não caiu do céu. Ela deriva diretamente do processo de colonização sionista na Palestina e da proclamação do Estado de Israel em 1948. Os Ocidentais puderam se livrar a preço barato dos crimes cometidos contra os Judeus pagando sua dívida sobre as costas dos Árabes. A mentira inventada pela propaganda sionista (Palestina: "uma terra sem povo para um povo sem terra") rapidamente se chocou com a realidade e a criação do Estado judeu e se fez pelo massacre das populações civis (como foi o caso do massacre de Deir Yassin perpetrada pelo Irgoun, antigo Primeiro Ministro do Menahem Begin) e a deportação em massa - o que não se chamava ainda de "purificação étnica"

---

<sup>2</sup> A aproximação com a África do Sul do apartheid não é obviamente fortuita. Israel foi o principal apoio dos Governos sul-africanos racistas e os especialistas israelenses desempenharam um papel decisivo no equipamento da polícia e a formação de torturadores que perseguiram os militantes do ANC e os liberais opositores do apartheid.

necessário para confiscar as terras e os bens dos Palestinos. Em resumo, uma guerra de conquista colonial típica, **cuja nova geração de historiadores israelenses começa a revelar a realidade.**

Veza que os Palestinos são as vítimas de uma injustiça terrível, não haverá paz justa e duradoura sem o reconhecimento desta injustiça fundamental, isto é, sem que se reconheça o direito à volta para todos os Palestinos expulsos de suas terras e que continuam vivendo em campos, em particular, no Líbano.

Sobre esta base, sonhemos um minuto, poderia se construir um novo Estado laico e democrático que trataria em pé de igualdade a cidadãos israelenses e a cidadãos árabes palestinos, muçulmanos, cristãos, judeus e descrentes! Esta solução, conforme as idéias revolucionárias de 1789 e às diferentes declarações dos direitos humanos, tem, infelizmente, pouca chance de se impor, tanto mais que todos que dominam a opinião aqui - e têm as palavras "democracia" e "direitos humanos" na ponta da língua, pensam obviamente que isso não pode se aplicar aos Palestinos; se de uma forma característica nossos impostores democráticos dizem que os árabes não são realmente homens, da mesma forma os colonos americanos declararam em 1783 a liberdade e a igualdade de todos os homens esquecendo os escravos negros.

Se a aplicação de nossos próprios princípios é utópica, poder-se-ia propor às grandes potências de respeitar ao menos à legalidade internacional da qual se reclamam. Poder-se-

ia aplicar, por exemplo, a Resolução da ONU que instituiu a divisão da Palestina em 1948. Mas isto demandaria a evacuação de todos os territórios ocupados da Cisjordânia, de Gaza, do Golã, de Jerusalém do leste e do desmantelamento de todas as colônias judias nos territórios ocupados. Isso criaria a possibilidade de construir um Estado palestino mais ou menos viável junto ao Estado israelense e com o tempo as feridas poderiam curar e talvez inclusive uma confederação israel-palestina poderia realizar-se. Infelizmente não parece haver compromisso nas vias da paz e da simples sensatez. Os Israelenses se conduzem como os "pieds noirs" (filhos de franceses colonos) na Argélia e são excitados por todos os provocadores de guerra (americanos e europeus principalmente) que preferem deixar um abscesso de fixação no Oriente Próximo já que a desordem lhes serve, em particular, para guardar o controle de toda uma região tão importante do ponto de vista geo-estratégico imperialista. Os Estados árabes se acham no fundamental de acordo com Israel - é o caso particular de dois re-condutores importantes da política US que são o Egito e a Arábia Saudita, sem esquecer a monarquia da Jordânia, grande massacradores dos palestinos nos eventos de 1970 ("setembro preto"). A potência militar israelense, com várias centenas de ogivas nucleares basta para dissuadir os outros. Mais uma vez, os palestinos podem comprovar que a unidade e a solidariedade do mundo árabe não são mais que um slogan que serve, sobretudo para proteger as monarquias petrolíferas e as diferentes tiranias amigas dos EUA. Quanto aos apoios internacionais com os quais poderiam contar os

palestinos, a decomposição política alcançou tal grau que mal se pode esperar um movimento de grande amplitude.

Para os uns, o anti-sionismo se transforma no ponto de partida de uma volta com força do anti-semitismo (amalgama alimentado de seu lado os lobbies dos "amigos de Israel"). Contra todo bom senso, alguns chegam inclusive até a afirmar que "os Judeus" infiltrados por todas as partes ditam a política americana. Como se o imperialismo US tivesse necessidade da pressão judia para se comportar como imperialismo. A realidade é bem diferente: são os imperialistas que utilizam e instrumentalizam os Judeus, a memória do Shoah e o apoio a Israel para suas próprias necessidades – prestes a lhes deixar cair por terra, de outro lado, se o negócio sai mal. A sorte de alguns antigos amigos dos EUA deveria servir de lição aos israelenses que acham que podem sempre contar com Tio Sam para se dar o direito de fazer qualquer coisa.

Aqueles que acham que podem ser úteis ao povo palestino quando comparam a política de Israel àquela de exterminação dos Judeus pelos nazistas também se equivocam excessivamente. Israel não tem nenhuma vontade de aniquilar os palestinos como tais. Todos os exageros e absurdos desservem à causa que pretendem servir. Se for necessário para se tomar consciência desse fato repetir exemplos, tomemos mais uma vez os da África do Sul, do apartheid, ou a colonização francesa na Argélia. São experiências históricas luminosas.

Por último, pergunta-se como todos esquerdistas e outros democratas de esquerda que combatem ferozmente os direitos nacionais, não deixam de declarar a idéia de nação "ultrapassada", o "nacionalismo" o primeiro perigo que nos ameaça, como todos eles podem, pois seriamente defender os Direitos nacionais do povo palestino. Os partidários da "multidão nômade", os discípulos de Negri e os leitores encarniçados de *Empire* deveriam condenar esses obstinados palestinos que não abençoam seu nomadismo obrigatório e não querem se integrar ao "Império" americano, único verdadeiro portador da universalidade segundo esses eminentes mestres-pensadores de toda uma parte da pretensa "esquerda radical".

Em 29 de dezembro, a **União Judia Francesa pela Paz** publicou o comunicado seguinte:

#### **Do bloqueio ao assassinato coletivo**

O exército israelense atacou Gaza esta noite com enormes meios militares. O primeiro balanço descreve 150 mortes, civis na sua maioria. Este massacre achava-se anunciado, previsto e comentado nos últimos dias na imprensa israelense, depois do fim da trégua respeitada pelo Hamas e quebrada sem parar pelo exército israelense. Este crime foi possível pela impunidade total concedida a Israel há quase 9 anos e o apoio ativo que se beneficia na União Européia. É o resultado direto do "aprofundamento da cooperação com a UE" imposta pela Presidência francesa contra o voto de adiamento do Parlamento Europeu.

Há anos a Faixa de Gaza sofre com o apoio cúmplice da União Europeia um bloqueio criminoso que viola deliberadamente todas as leis internacionais: um milhão e meio de civis são prisioneiros do exército israelense e privados de tudo: comida, combustível, eletricidade, medicamentos, material escolar... Menos de um décimo dos caminhões necessários para o abastecimento normal da população chegam a passar. O aeroporto e o porto foram destruídos antes mesmo de poder funcionar. Está proibido pescar. Só alguns navios fretados por militantes puderam forçar o bloqueio. A população sofre um "castigo" coletivo impiedoso por ter votado "errado". A comunidade internacional deixa fazer, ou inclusive encoraja este bloqueio. O ocupante expulsou a Robert Falk, o conferente especial sobre a situação dos direitos humanos da ONU.

Não há nenhum status quo possível, nenhuma possível perpetuação deste impiedoso e criminoso bloqueio. Qualquer povo assediado tem o direito a resistir à opressão.

Nenhuma simetria pode se estabelecer com alguns mísseis que caíram sobre cidades israelenses. Não haverá segurança para os israelenses sem segurança para a população de Gaza. As políticas europeias e americanas desde Anápolis, ao evitar enfrentar a realidade da ocupação, alcançam o beco sem saída esperado e cujo preço mais uma vez é pago pelo povo palestino.

A União Judia Francesa para a Paz denuncia o crime que se desenvolve contra a população de Gaza. Chama a manifestar em todos os lugares contra esta nova agressão. A UJFP exige uma reação imediata do Governo francês, da Comunidade Europeia e da ONU para fazer cessar a agressão e para colocar um termo ao bloqueio de Gaza.

(Comunicado do Secretariado Nacional da União Judia Francesa pela Paz)